

Cultura, Globalização, Informação e Rede

Miguel Tadeu Rodrigues

Heloisa Guimaraes Vidigal Rezende

Este artigo aborda a noção de cultura, informação e rede presentes no processo de globalização com enfoque antropológico. Aborda conceitos e questionamentos de vários teóricos do século XX e primeira década do XXI. A cultura é entendida como sistema de códigos inserida num conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras e instruções que direcionam os comportamentos avaliados na ótica das relações sociais. A informação é percebida como elemento constituinte das dimensões sociais e culturais. A articulação das novas tecnologias em redes de relacionamentos participa de construções identitárias. Discute influência da globalização na formação de gostos e preferências.

Palavras-chave: cultura, herança cultural, interação social, informação e comunicação, cultura global, redes globais de comunicação.

Abstract

This article discusses the notion of culture, information and network that is present in the process of “globalization” with an anthropologic focus. It discusses the concepts and questionings of several theorists of the twentieth century and the first decade of the twentieth first one. The culture is believed as a system of codes inserted in a set of control mechanisms, plans, recipes, rules and instructions that direct the evaluated behaviors on the optic of social relations. The information is perceived as a constituent element of social and cultural dimensions. The articulation of new technologies in social networks plays a role in the identity constructions. The article discusses the influence of globalization in the formation of likings and preferences.

Key-words: culture, cultural heritage, social interaction, communication and information, global culture, global networks of communication.

Introdução

Ao debruçarmos sobre a pesquisa acerca da cultura, globalização informação e rede, definimos inicialmente o enfoque a ser dado aos temas. Nossa proposta é que esses fenômenos culturais são melhores compreendidos quando analisados sobre a ótica antropológica.

Hoje, sabe-se que os diversos campos científicos e acadêmicos são chamados a dar sua contribuição na elucidação de problemas propostos. Toda problemática pode ser investigada sob vários ângulos e, portanto, é natural que, mesmo tendo uma pesquisa com enfoque antropológico, utilizemos ainda, das categorias de análise disponibilizadas pela História, Filosofia, Sociologia, Geografia e Ciência da Informação. O conhecimento produzido pela academia é multidimensional e normalmente dialoga com várias áreas. O conhecimento sobre o homem em suas relações sociais tem que ser abrangente, porque o homem é abrangente. Por mais que trabalhemos exaustivamente nossas observações sempre serão incompletas e cobrirão apenas algumas facetas do fenômeno abordado.

Pretendemos aqui tecer alguns comentários sobre diversos estudos na área da cultura sob o ponto de vista de vários teóricos do século XX e primeira década do XXI, contrapondo opiniões direcionando-as para um entendimento que vá além do senso comum.

Nossa linha de pensamento converge para o entendimento de Isaura Botelho, quando afirma que a vida cultural da população, deve ser entendida como o conjunto de práticas e atitudes que têm uma incidência sobre a capacidade do homem de se exprimir, de se situar no mundo, de criar seu entorno e de se comunicar¹.

A Cultura

Qualquer pessoa quando perguntada sobre o que acha ser cultura, terá uma explicação plausível forjada a partir de sua visão de mundo e experiência de vida. Podemos

¹ BOTELHO, Isaura. As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas. In: ____ São Paulo em perspectiva. V.15, 2001.

perceber vários elementos comuns nestas definições, sobretudo, quando consideramos o conhecimento compartilhado pelo senso comum. Sabemos que as diferenças culturais, e por extensão o entendimento que cada um tem delas, se explicam, antes de tudo, pela história cultural de cada grupo. Os fatores que tiveram um papel preponderante na evolução do homem são sua faculdade de aprender e a sua plasticidade. O universo privado destas construções faz parte de um argumento historicamente transmitido através das tradições orais familiares e grupais, e são recheados da experiência de vida de quem fala.

A palavra cultura, assim, assume várias conotações construídas pelo senso comum. Nas palavras de DAMATTA : “Primeiro usa-se a cultura como sinônimo de sofisticação, de sabedoria, de educação no sentido restrito do termo. Refere-se a um estado educacional de certas pessoas querendo indicar com isso sua capacidade de compreender ou organizar certos dados e situações. Cultura aqui é equivalente a volume de leituras, a controle de informações. Neste sentido, cultura é uma palavra usada para classificar as pessoas e, às vezes, grupos sociais, servindo como arma discriminatória. É a palavra cultura enquanto categoria do senso comum”².

Conforme BOSI, de acordo com o senso comum a cultura é alguma coisa que a gente tem, somos proprietários dela. Ter cultura, ou seja, esta soma de objetos culturais – dá direito a certos privilégios. Isto nos leva imediatamente a situar a cultura na sociedade de classes como uma *mercadoria*, como algo que se pode obter, ou, então se recuarmos um pouco até uma sociedade pré-capitalista, ou capitalista atrasada, podemos dizer que cultura é também uma coisa que se herda, uma *herança*. A cultura seria um bem, um bem muito especial, um bem que se aproxima dos bens de luxo, dos bens supérfluos, e só as pessoas ricas, só os grupos de poder aquisitivo que dispõem de lazer podem fruir desse bem. A cultura dá à pessoa um halo, uma auréola de diferença. A cultura, ou uma determinada concepção de cultura, acabou substituindo a ideia de aristocracia na sociedade capitalista, só potencialmente democrática. Esta visão de cultura é chamada de *reificada*, isto é, uma visão que considera a cultura como um conjunto de coisas. Ser culto, ter cultura, é ter acesso a livros, ter acesso a aparelhos de som muito requintados, que são caros e exigem espaços³.

² DAMATTA, Roberto. Você tem cultura? In __ Explorações: ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 121-128.

³ BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: __ Cultura brasileira: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1987. p. 31-58.

Esse entendimento simplista e equivocado não deve ser o cerne do entendimento do fenômeno. Quando um antropólogo social fala em “cultura”, ele usa a palavra como conceito-chave para a interpretação da vida social. O relato passa pelo crivo relacional que molda os hábitos e costumes. Os aspectos são abordados a partir do entendimento que a cultura reflete uma *maneira de viver total* de um grupo, sociedade, país ou pessoa. A cultura assim compreendida pode ser visualizada como um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. É algo que está dentro e fora de cada um de nós, como as regras de um jogo de futebol. O conjunto de regras que formam a cultura são algo que permite relacionar indivíduos entre si e o próprio grupo com o ambiente onde vive. DAMATA, se expressa:

A cultura é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado. As regras apenas indicam os limites e apontam os elementos e suas combinações explícitas. Embora cada cultura contenha um conjunto finito de regras, suas possibilidades de atualização, expressão e reação em situações concretas são infinitas. Existe um enorme potencial que cada cultura encerra como elemento plástico, capaz de receber as variações e motivações dos seus membros, bem como os desafios externos (BOSI, 1987)

[...] A *cultura como conceito* permite afirmar que não há homens sem cultura e permite comparar culturas e configurações culturais como entidades iguais, deixando de estabelecer hierarquias em que inevitavelmente existiriam sociedades superiores e inferiores. Em outras palavras, a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos (IBID)⁴.

A nossa herança cultural foi desenvolvida através de inúmeras gerações e nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

Podemos afirmar como LARAIA⁵ que o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Tudo que o homem faz, aprendeu com os seus semelhantes e não decorre de imposições originadas fora da

⁴ Ibid.

⁵ LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 116 p.

cultura. Toda a experiência de um indivíduo é transmitida aos demais, criando assim um interminável processo de acumulação. Até mesmo a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral.

Embora nenhum indivíduo conheça totalmente o seu sistema cultural, é necessário ter um conhecimento mínimo para operar dentro do mesmo. Este conhecimento mínimo deve ser partilhado por todos os componentes da sociedade de forma a permitir a convivência dos mesmos.

W. Goodenough defende que cultura é um sistema de conhecimento; consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro de sua sociedade.

Roger Kessing considera a cultura como um sistema adaptativo e sugere que as culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante. Claude Lévi-Strauss, porém, considerava cultura como sistemas estruturais. Define cultura como um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana.

Muito importante é a contribuição de Clifford Geertz, que acertadamente já chamava a atenção para o fato de que cultura deve ser considerada não como um complexo de comportamentos concretos, mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções para governar o comportamento. Os símbolos e significados são partilhados pelos atores, os membros do sistema cultural.

Entender a lógica de um sistema cultural depende da compreensão das categorias constituídas pelo mesmo. Como categorias, entendemos como Mauss, esses princípios de juízos e raciocínios constantemente presentes na linguagem, sem que estejam necessariamente explícitas, elas existem ordinariamente, sobretudo sob a forma de hábitos diretrizes da consciência, elas próprias inconscientes⁶.

Partilhamos do entendimento de GEERTZ que o conceito de cultura é essencialmente semiótico. Como Max Weber também defendeu, o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. A cultura se estabelece como sendo essas teias. O conceito de cultura semiótico se adapta bem como sistemas entrelaçados de

⁶ Ibid.

signos interpretáveis, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível. A cultura, esse documento de atuação é, portanto, pública. A cultura é pública porque o significado o é. O comportamento humano é visto como ação simbólica. Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade. Elas devem ser encaradas em termos de interpretações às quais pessoas de uma denominação particular submetem sua experiência. A cultura é tratada de modo mais efetivo, puramente como sistema simbólico pelo isolamento dos seus elementos, especificando as relações internas entre esses elementos e passando então a caracterizar todo o sistema de uma forma geral – de acordo com os símbolos básicos em torno dos quais ela é organizada, as estruturas subordinadas das quais é uma expressão superficial, ou os princípios ideológicos nos quais ela se baseia⁷.

No bojo desse pensamento acrescentamos ainda a opinião de SAHLINS ao dizer que “nada é socialmente sabido ou comunicado, exceto na medida em que englobado pela ordem cultural existente. A consciência humana ou simbólica, portanto, consiste em atos de classificação que envolve a subsunção de uma percepção individual na concepção social”⁸.

Citando-o:

A cultura tal como constituída é uma determinação mútua de formas significativas. A estrutura é um estado, mas a ação se desdobra como um processo temporal. E, na ação intencional, a lógica da relação entre os signos reside precisamente em sua orientação: seqüencial e de conseqüência, como os meios e os fins dos objetivos das pessoas. Na estrutura o signo é fixado por relações diferenciais com outros signos; na ação, ele se combina de maneiras variadas com outros signos em relações de implicação. (SAHLINS, 1989)

Pensar cultura sob a ótica antropológica equivale a dizer como afirmou BOTELHO, que a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seu modo de pensar e sentir, construindo valores e manejando identidades e diferenças ao estabelecerem suas rotinas. A cultura fornece aos indivíduos aquilo que é chamado por Michel de Certeau, de “equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários”. A cultura é tudo que o ser humano elabora e produz simbólica e materialmente falando⁹.

⁷ GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: __A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 13-44.

⁸ SAHLINS, Marshall. Experiência individual e ordem cultural. In: __ Cultura na prática. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007, p. 301-316.

⁹ BOTELHO, Isaura. As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas. In: ____São Paulo em perspectiva. V.15, 2001.

Informação e Rede

A informação é constituinte do processo de comunicação que deve ser entendida como processo de atribuição de significado de realidade, ela pode ser entendida pelo ser humano, pode existir mesmo sem a intencionalidade do processo de comunicação. A informação é integrante do processo que relaciona cultura global e cultural individual.

Tentando uma definição de informação, citamos o entendimento de Duarte sobre o assunto:

No processo de comunicação, o chamado sujeito comunicante, imerso numa realidade social particular, ao elaborar uma mensagem (conjunto de dados, quer seja manuscritos, quer através de imagens, ícones, sons, gestos, etc.) tem como ponto de partida seu próprio contexto social, sua gama de conhecimentos individuais e coletivos. Não é apenas a partir desta vivência que ele elabora seu discurso portador de sua mensagem. Leva em consideração, ainda, o receptor (sujeito interpretante) que deseja atingir: qual é a sua realidade psico-sócio-cultural, quais são os seus conhecimentos prévios, de que modo ele provavelmente irá re-figurar a mensagem recebida. O objetivo do sujeito comunicante é que a mensagem produza a informação desejada no sujeito interpretante a quem ela se destina. Portanto, a mensagem deve gerar um processo de informação capaz de alterar o estado de conhecimento do receptor¹⁰. (DUARTE, 2009)

Importante é contribuição de CAPURRO (1992), para quem, Informação, num sentido hermenêutico-existencial, significa compartilhar um mundo comum tematicamente e situacionalmente. Segundo ele, a informação não é nem o produto final de um processo de representação, nem algo a ser transportado de uma mente para outra, nem ainda alguma coisa separada de uma “cápsula de subjetividade”, mas sim uma dimensão existencial do nosso estado de convivência no mundo com os outros. Mais precisamente, informação é a articulação de um estado prévio de entendimento pragmático de um mundo comum compartilhado¹¹.

O processo de informar não faz uso apenas da mensagem transmitida, mas também de um conjunto de conhecimentos dos parceiros, resultantes de sua interação com o outro. O ser humano é capaz de adquirir conhecimento interagindo com o mundo ao seu redor. Portanto, a informação não se define apenas como sub-processo da comunicação, mas existe mesmo quando não há intencionalidade de comunicar-se. É processo de atribuição de

¹⁰ DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Ciclo informacional: a informação e o processo de comunicação. Revista Em Questão, Porto Alegre: v. 15, n. 1, p. 57-72, jan/jun 2009.

¹¹ Ibid.

sentido capaz de alterar um estado de conhecimento prévio, mesmo que não haja comunicação explícita. Informação é também um conjunto de estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e seu grupo.

A informação é a raiz do processo do conhecer e, portanto, instituinte da cultura. É algo que um indivíduo gera ativamente e que outro indivíduo decide internalizar. À respeito do conjunto de estruturas significantes, cada indivíduo recebe e interpreta informação à sua própria maneira. Nesse processo, a percepção da informação é mediada pelo estado de conhecimento do receptor e pelo contexto psico-sócio-cultural em que ele se encontra inserido.

Como bem colocou SAHLINS:

Ao falar, o indivíduo coloca todo o esquema cultural a sua própria disposição. A fala inventa um mundo cartesiano, desenvolvido de dentro para fora, a partir do conhecimento verdadeiro e seguro do “eu”. Na prática, o indivíduo é o ponto arquimediano do universo cultural, pois, segundo coordenadas de seu ponto de vista e, portanto, de seus interesses, toda a cultura é transcendentalmente disposta e todos os significados, que sem ele são apenas virtuais ou possíveis, tornam-se atuais, referenciais e intencionais¹². (SAHLINS, 2007)

Como lembra também MARTELETO:

Este pensamento sobre a prática informacional no espaço social é sustentado por meio da sociologia da cultura de Pierre Bourdieu. Só se pode explicar uma prática social se a estrutura objetiva que define as condições sociais de sua produção relacionar-se com as suas condições de exercício. Em outras palavras, o espaço social é estruturado pelo conjunto de ações, representações e interações sociais que os sujeitos enfrentam, mas também, gera e estrutura as características sociais dos atores que produzem as práticas sociais¹³. (MARTELETO, 2004)

A informação é um elemento inserido nas dimensões sociais e culturais e construído no espaço social sobre o domínio do conhecimento dentro das comunidades discursivas. Entendemos a informação apenas se inserida dentro do seu contexto cultural e social, e não apenas causal ou natural. A Informação não é processo, matéria ou entidade separada das práticas e representações de sujeitos vivendo e interagindo na sociedade, e

¹² SAHLINS, Marshall. Experiência individual e ordem cultural. In: __ Cultura na prática. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007, p. 301-316.

¹³ MARTELETO, Maria Regina e NASCIMENTO, Denise Morado. A informação construída nos meandros dos conceitos da Teoria Social de Pierre Bourdieu. DataGramaZero. Revista de Ciência da Informação, vol. 5, número 5, out/2004.

inseridos em determinados espaços e contextos culturais. A informação deve ser referenciada à historicidade dos sujeitos, ao funcionamento das estruturas e das relações sociais e aos sujeitos que executam ações.

No final do século XX presenciamos uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação que iniciou um processo de remodelagem da base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação.

O próprio capitalismo passa por um processo de profunda reestruturação caracterizado por maior flexibilidade de gerenciamento; descentralização das empresas e sua organização em redes. As mudanças sociais são tão drásticas quanto os processos de transformação tecnológica e econômica. A identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. As redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas. Nas palavras de CASTELLS “A teoria e a cultura pós-modernas celebram o fim da história e, de certa forma, o fim da razão, renunciando a nossa capacidade de entender e encontrar sentido até que não tem sentido. A suposição implícita é a aceitação da total individualização do comportamento e da impotência da sociedade ante seu destino”.¹⁴

A ênfase nos dispositivos personalizados, na interatividade, na formação de redes e na busca incansável de novas descobertas tecnológicas realizou-se plenamente com o advento da internet. A Internet originou-se de um esquema ousado, imaginado na década de 1960 pelos guerreiros tecnológicos da Agência de Projetos de pesquisa avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos para impedir a tomada ou destruição do sistema norte-americano de comunicações pelos soviéticos, em caso de guerra nuclear. Conforme CASTELLS (2009) a revolução tecnológica atual originou-se e difundiu-se, não por acaso, em um período histórico da reestruturação global do capitalismo, para o qual foi uma ferramenta básica. Portanto, a nova sociedade emergente desse processo de transformação é capitalista e também informacional, embora apresente variação histórica considerável nos

¹⁴ CASTELLS, Manuel. Prólogo: a rede e o ser. In: ____ A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura, vol. 1. São Paulo. Paz e Terra, 2009, p. 39-66.

diferentes países, conforme sua história, cultura, instituições e relação específica com o capitalismo global e a tecnologia informacional.

As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. Os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizá-las pela preeminência da identidade como seu princípio organizacional. Por identidade entendida como um processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos.

Globalização

A globalização é um fenômeno emergente, um processo ainda em construção. Se entendermos por globalização da tecnologia e da economia a internacionalização das trocas, de produtos e de conhecimento, evidentemente não estamos diante de um fato original. O mesmo pode ser dito quando falamos da multinacionalização de empresas nacionais que operam em escala internacional.

Importante para elucidarmos é a opinião de Ortiz:

[...] Os economistas começam a estabelecer uma distinção entre internacionalização e globalização. Internacionalização se refere simplesmente ao aumento da extensão geográfica das atividades econômicas através das fronteiras nacionais; isso não é um fenômeno novo. A globalização da atividade econômica é qualitativamente diferente. Ela é uma forma mais avançada, e complexa, da internacionalização, implicando um certo grau de integração funcional entre as atividades econômicas dispersas. O conceito se aplica, portanto, à produção, distribuição e consumo de bens e de serviços, organizados a partir de uma estratégia mundial. Ele corresponde a um nível e a uma complexidade da história econômica, na qual as partes, antes internacionais se fundem agora numa mesma síntese: o mercado mundial. (ORTIZ, 1994) ¹⁵

Ao pensarmos em globalização há uma conotação que nos sugere certa unicidade. Quando falamos de uma economia global, nos referimos a uma estrutura única, subjacente a toda e qualquer economia. A esfera cultural não pode ser considerada da mesma maneira.

¹⁵ ORTIZ, Renato. Cultura e sociedade global. In: ____ Mundialização e cultura. Cap. 1. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 13-34.

Uma cultura mundializada não implica o aniquilamento de outras manifestações culturais, ela coabita e se alimenta delas.

BAUMANN chama a atenção para uma questão importante ao afirmar:

Esta nova e desconfortável percepção das “coisas fugindo ao controle” é que foi articulada (com pouco benefício para a clareza intelectual) num conceito atualmente na moda: o de *globalização*. O significado mais profundo transmitido pela ideia da globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. A globalização é a “nova desordem mundial”.

[...] O novo termo globalização refere-se primordialmente aos *efeitos* globais, notoriamente não pretendidos e imprevisos, e não às *iniciativas e empreendimentos* globais. Nossas ações podem ter e muitas vezes têm mesmo efeitos globais; mas não, nós não temos nem sabemos bem como obter os meios de planejar e executar ações globalmente. A ideia de globalização refere-se explicitamente às “forças anônimas” de Von Wright operando na vasta “terra de ninguém” que se estende para além do alcance da capacidade do desígnio e ação de quem quer que seja em particular. (BAUMAN, 1999)¹⁶

Já incapazes de se manter guiados apenas pelos interesses politicamente articulados da população do reino político soberano, as nações-estados tornam-se cada vez mais executoras e plenipotenciárias de forças que não esperam controlar politicamente. Os mercados financeiros globais “impõem suas leis e preceitos ao planeta”.

“A globalização nada mais é que a extensão totalitária de sua lógica a todos os aspectos da vida”. Também a rede global de comunicação, aclamada como a porta de uma nova e inaudita liberdade e, sobretudo, como o fundamento tecnológico da iminente igualdade, é claramente usada como muita seletividade – trata-se na verdade de uma estreita fenda na parede, não de um portal.¹⁷

ORTIZ chega a defender o conceito de mundialização contrapondo ao de globalização, onde deve haver distinção entre os termos “global” e “mundial”. O primeiro é empregado para se referir a processos econômicos e tecnológicos, já a ideia de mundialização é reservada ao domínio específico da cultura. A categoria “mundo” encontra-se assim articulada a duas dimensões. Ela vincula-se primeiro ao movimento de globalização das sociedades, mas significa também uma “visão de mundo”, um universo simbólico específico à

¹⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Globalização, as consequências humanas*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1999, p.63-110.

¹⁷ Ibid.

civilização atual. Nesse sentido ele convive com outras visões de mundo, estabelecendo entre elas hierarquias, conflitos e acomodações.¹⁸

O processo de mundialização é um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais. Para existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais. Com a emergência de uma sociedade globalizada, a totalidade cultural remodela a “situação” na qual se encontravam as múltiplas particularidades.

Conclusão

Ao findarmos nossas observações sobre os temas cultura, globalização, informação e rede, concluímos que os três assuntos encontram-se intrincados numa gama de conceitos e entendimentos afins.

A cultura é melhor compreendida quando abordada como sistemas de códigos inseridos num conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções que direcionam os comportamentos avaliados na ótica das relações sociais. Os símbolos e significados são partilhados pelos atores, os membros do sistema cultural. A cultura é percebida através da interação social dos indivíduos, é através dela que as comunidades organizam sua maneira de pensar e sentir. Ao estabelecerem suas rotinas, crenças e valores estabelecem relações de identidades e diferenças.

Por sua vez, informação deve ser referenciada à historicidade dos sujeitos, ao funcionamento das estruturas e das relações sociais e aos sujeitos que executam ações. A informação, enquanto instituinte da cultura possibilita empreender o processo do conhecer. A informação torna-se assim, num conjunto de conhecimentos e formas de comunicações que um indivíduo gera ativamente e que outro indivíduo decide internalizar, sendo assim, a informação é um elemento inserido nas dimensões sociais e culturais que é construído no espaço social.

As novas tecnologias de informação tem-se articulado em redes de relacionamentos, possibilitadas principalmente pela internet. As redes globais de intercâmbios

¹⁸ ORTIZ, Renato. Cultura e sociedade global. In: ____ Mundialização e cultura. Cap. 1. São Paulo, Brasiliense, 1994.

conectam e desconectam pessoas de várias partes do mundo num fluxo contínuo informações que possibilitam tomadas de decisões, estabelecimento de novas formas de diálogo, e até mesmo construções identitárias.

O fenômeno que chamamos de globalização aponta para o uso destas redes no nível não só econômico, como também na formação de gostos e preferências. Globalização é um termo usado principalmente para se referir à informação sobre o ponto de vista econômico e tecnológico. A ideia de globalização permite, entretanto, inferir o conceito de mundialização, que aplicado à cultura descreve um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais, elementos estes, presentes nas práticas cotidianas dos homens ao permutar suas relações sociais.

Referências

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In:___ **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização, as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BOTELHO, Isaura. As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas. **São Paulo em perspectiva**, v.15, 2001.

CASTELLS, Manuel. Prólogo: a rede e o ser. In:___ **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2009. v.1.

DAMATTA, Roberto. Você tem cultura? In ___ **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Ciclo informacional: a informação e o processo de comunicação. **Revista Em Questão**, Porto Alegre: v. 15, n. 1, p. 57-72, jan. /jun. 2009.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In:___ **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 13-44.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 116 p.

MARTELETO, Maria Regina; NASCIMENTO, Denise Morado. A informação construída nos meandros dos conceitos da Teoria Social de Pierre Bourdieu. *DataGramaZero*, Revista de Ciência da Informação, v.5, n.5, out.2004.

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 4, n.1, mar. 2014.

ORTIZ, Renato. Cultura e sociedade global. In: ____ **Mundialização e cultura**. Cap. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 13-34.

SAHLINS, Marshall. Experiência individual e ordem cultural. In: ____ **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007, p. 301-316.